

Copyright © Editions du Seuil, 2006

Copyright da edição brasileira © 2020

É Realizações Editora

Título original: *Retour de Tchernobyl: Journal d'un homme en colère*

Editor

Edson Manoel de Oliveira Filho

Coordenador da Biblioteca René Girard

João Cezar de Castro Rocha

Produção editorial

É Realizações Editora

Design Gráfico

Alexandre Wollner

Alexandra Viude

Janeiro/Fevereiro 2011

Sobrecapa, diagramação e finalização

Nine Design | Mauricio Nisi Gonçalves

Revisão

Valquíria Della Pozza

Produção de ebook

S2 Books

ISBN -978-65-86217-27-8

É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.

Rua França Pinto, 498 - 04016-002 - São Paulo, SP

Telefone: (5511) 5572 5363

e@erealizaciones.com.br

www.erealizaciones.com.br

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication année 2020 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.

Esta edição teve o apoio da Fundação Imitatio.



Imitatio foi concebida como uma força para levar adiante os resultados das interpretações mais pertinentes de René Girard sobre o comportamento humano e a cultura.

Eis nossos objetivos:

Promover a investigação e a fecundidade da Teoria Mimética nas ciências sociais e nas áreas críticas do comportamento humano.

Dar apoio técnico à educação e ao desenvolvimento das gerações futuras de estudiosos da Teoria Mimética.

Promover a divulgação, a tradução e a publicação de trabalhos fundamentais que dialoguem com a Teoria Mimética.

Para o vigésimo aniversário da catástrofe nuclear de Chernobyl, acontecida em 26 de abril de 1986.

[01]

*On fleurit les tombes, on réchauffe le Soldat inconnu.
Vous mes frères obscurs, personne ne vous nomme. [02]
Léopold Senghor, *Hosties noires*, 1938.*

sumário

Capa

Créditos

Folha de rosto

Dedicatória

Prefácio | Por Maurício G. Righi

Estou envergonhado

Capítulo 1 | De Kiev a Chernobyl

Capítulo 2 | De volta a Paris

Anexo | Por um catastrofismo esclarecido

Um diário para todas as estações: a história de uma catástrofe. Por
João Cezar de Castro Rocha

Biblioteca René Girard

Notas

Mídias sociais

prefácio

Maurício G. Righi

Infinitas são as maneiras de recepcionar um texto complexo, cujo valor se espraia por horizontes sucessivos, sejam teóricos, sejam temáticos, gerando cenários intrincados ao leitor aprendiz, que se vê arremessado de uma questão a outra, de uma equação a outra, de um princípio a outro, ao encontro de uma imensidão desconcertante, que encerra uma pergunta cuja resposta, uma sabedoria, uma ética, mal se faz ouvir em nosso falatório contemporâneo, de uma só vez prepotente, leviano e deslumbrado consigo mesmo. Essa ética ressoa murmúrios de uma esperança, mas que nos chegam sem pressa, pois condizentes com seu próprio tempo, à própria medida. No entanto, a questão é que temos pressa, uma vez que estamos por um triz, por um fio de cabelo, a não sei quantos minutos da meia-noite.

O inspirado livro do filósofo e amigo Jean-Pierre Dupuy, *Retorno de Chernobyl – Diário de um Homem Irado*, recepcionou-me (um leitor largamente destreinado nos temas que o livro propõe) com imagens sobremaneira fortes, por vezes intoleráveis: sofrimentos atrozes, decisões sórdidas, acomodações medonhas e feitos horrendos; como explicita o nosso autor, um rol de obscenidades morais encenado por homens razoáveis. A coisa sugere um conto de terror elaborado por um gênio. Com

efeito, o livro de Dupuy me fez recordar, durante a leitura, duas obras absolutamente significativas, em muito separadas no tempo. Refiro-me ao conto *Frankenstein*, finalizado por Mary Shelley em 1818, e à minissérie de televisão *Chernobyl*, criada por Craig Mazin e estreada em 2019. Tanto no conto de Shelley quanto na minissérie de Mazin, triunfa o que podemos chamar de cegueira existencial, “uma visão curta”, curtíssima, uma cegueira sistêmica sofrida pelos principais responsáveis, os que deveriam saber mais das coisas, frente às implicações seriíssimas do que se cria e se mantém em funcionamento, uma recusa obstinada em medir as consequências pela régua da catástrofe. Eis o assunto que Dupuy conhece como ninguém.

É interessante como, semelhante ao conto de Shelley, um conto epistolar, o livro de Dupuy, um diário de viagem, também adentra a questão do Prometeu moderno, desconstruindo-lhe a pretensa inocência, desmascarando sua inevitável *hubris*. É impossível percorrer as páginas desconcertantes deste livro sem que nos venha à mente a célebre reprimenda que Victor Frankenstein, o cientista arrependido por ter criado uma monstruosidade voltada contra o seu criador, dirige ao jovem capitão Walton, que o acolhe em sua embarcação, um explorador que anseia fornecer à humanidade novas e importantes descobertas sobre o magnetismo terrestre: “Homem infeliz! Compartilhas de minha loucura? Também tomaste o embriagante tóxico?”. De fato, Dupuy lança reprimenda semelhante à classe científica, à qual pertence, quando diz: “Entregar-se ao otimismo cientificista que conta unicamente com a técnica para nos tirar dos impasses que a técnica nos colocou é correr o risco de engendrar monstros que nos devorarão”, uma arrogância fatal. Ele cita Oppenheimer, líder do Projeto Manhattan, quando este disse, publicamente, logo na sequência das explosões atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945, que: “Nós, físicos, conhecemos o pecado”. Sabemos que Einstein também disse algo na mesma direção ao declarar que melhor seria se tivesse sido um mero relojoeiro, em vez de um físico, sentindo-se igualmente responsável pela fabricação das bombas, em razão de uma carta que enviara ao presidente Roosevelt, sugerindo-lhe a construção de um artefato atômico, antes que os alemães o fizessem. Pois bem, Einstein, Oppenheimer, Dupuy, entre outros, parecem se alinhar às recomendações de

Victor Frankenstein. Como este, os dois primeiros viram bem de perto o monstro criado, sentiram o seu fedor abjeto, sua deformação intrínseca, seu pacto com a morte e a destruição, reconhecendo, na carne de uma consciência horrorizada, o pecado do orgulho prometeico. Viram o sagrado face a face e não puderam suportar-lhe os contornos maléficos. Todavia, isso não é o pior, acreditem.

Dupuy nos mostra dois andares morais abaixo, sumamente tenebrosos, mas que precisamos conhecer, os quais nos levarão ao contexto da minissérie *Chernobyl*. Refiro-me à normatização do monstro nuclear em relação dialética (em dependência dialética) – e potencialmente fatal, catastrófica – com as instituições que buscam domesticá-lo para melhor explorá-lo. Estamos falando da política em conluio com a ciência, o primeiro subsolo, e vice-versa, a ciência em conluio com a política, o segundo, ambos inseridos em ambientes industriais circunscritos a interesses econômicos e militares colossais, em relações entre Estados e corporações poderosíssimas. Falamos dos grandes poderes, os cosmocratas deste mundo, e das pessoas que lhes servem os propósitos: políticos, cientistas, técnicos e burocratas.

Há, na minissérie *Chernobyl*, duas cenas particularmente reveladoras, absolutamente centrais, penso, à discussão aberta neste livro. A primeira (primeiro episódio) ocorre quando, horas após o desastre num dos reatores, o de número 4, as autoridades de Pripyat se reúnem de madrugada para discutir as medidas de segurança a ser adotadas. Todos estão confusos, ninguém sabe avaliar ainda a real magnitude da catástrofe, muito embora o medo se imponha integralmente sobre o ambiente, exceto sobre um único homem, o ancião ideológico, a máxima autoridade do regime naquela comunidade, que acompanha a reunião de fora, como uma eminência parda, observando e avaliando a reação de cada um. Esse ancião parece encarnar a própria morte, um Tânatos recém-egresso de seu vale subterrâneo. No momento certo, ele intervém como um juiz sentencioso, instruindo todos sobre o que realmente está em jogo: o *prestígio* do regime. A decisão sobre o que fazer já foi tomada em Moscou: a cidade será bloqueada pelo Exército Vermelho, ninguém sairá, as linhas telefônicas serão cortadas e todos os relatórios sobre o acidente serão controlados pelo Comitê Central. Esse pequeno e insignificante comitê é prontamente

dissolvido, ciente de seu recém-atribuído papel, ainda que não declarado, embora claríssimo nas entrelinhas, a saber, minimizar as notícias negativas sobre o acidente no reator. A segunda cena (último episódio) ocorre durante o julgamento dos responsáveis pelo desastre, mera formalidade para culpar os bodes-expiatórios designados pelas autoridades soviéticas. Todavia, ao contrário do que se espera, o físico Valery Legasov, chefe da comissão designada à investigação do acidente, diz que, a despeito dos inúmeros erros humanos que ocorreram na sala de comando, havia *a garantia* de um sistema de desligamento, o botão AZ-5, que, uma vez acionado, desligaria o reator em descontrole, movimentando um conjunto de hastes de boro, as quais – em tese – resfriariam imediatamente o reator. A questão é que, no caso dos reatores de Chernobyl, essas hastes de boro tinham suas pontas feitas de grafite, um elemento acelerador, o que provocou um súbito efeito contrário. Resultado: o sistema de desligamento não funcionou a tempo e o reator explodiu. Questionado pela promotoria por que as pontas dessas hastes eram de grafite, e não também de boro, o físico responde melancolicamente: “pelo mesmo motivo de não termos, aqui na URSS, outros tantos sistemas de segurança que seriam necessários. É mais barato”.

Temos, assim, duas cenas ilustrativas que nos indicam dois cálculos: um de natureza política, outro de natureza econômica, respectivamente; cálculos ligados à noção de prestígio e segurança, no caso, e ironicamente a uma real ausência desses. Duas ilusões mantidas por uma falsa racionalidade, uma racionalidade cega. Com efeito, o prestígio evaporou-se frente ao desabamento da falsa segurança, e há os que digam que o acidente de Chernobyl, ocorrido em abril de 1986, foi um dos grandes responsáveis diretos pelo colapso do regime soviético alguns anos mais tarde.

Acredito que esses dois elementos, cálculo político e econômico, sejam suficientes para apresentarmos o tema central deste pequeno e poderoso livro em filosofia e ética da ciência.

O autor deste diário investigativo enfurecidamente escrito assim o fez, *enragé*, por uma simples razão: semelhante à violência, quando esta é dissimulada em falsos apaziguamentos realizados ao custo de milhares de

pobres coitados, as vítimas invisíveis deixadas para trás, para que o sistema sacralizado ordenador avance; igualmente, as estratégias e narrativas ardilosas de minimização da catástrofe somente agravam e fortalecem o impacto de futuras catástrofes de natureza semelhante. É o triunfo sempre renovado do desconhecimento (*méconnaissance*), essa cegueira sistêmica, uma realidade dúbia e formativa, absolutamente insidiosa, que faz uma costura muito própria entre ardil e ignorância. Mas não deveria ser mais assim! Eis a justa indignação de Dupuy.

Em sua investigação pessoal para encontrar uma verdade satisfatória acerca das reais dimensões da catástrofe de Chernobyl, refletidas em mortes prematuras, deformações genéticas e envenenamento ambiental, Dupuy, crescentemente frustrado com as narrativas oficiais controladas pela nucleocracia, se enfurece com a síntese, aparentemente culta, de que “Chernobyl foi um acidente soviético, não um acidente nuclear”. Perceba o leitor o alto nível de malícia e poder encantatório da frase, um visível embuste, mas, muito provavelmente, repetido milhares de vezes em conversas formais e informais entre gente “bem-informada” e “racional”. Aí está o mal em sua dimensão mais letal: culto, razoável e espirituoso. Aparentemente, a coisa certa a se pensar. Todavia, a transferência insidiosa que realiza, apropriando-se de uma verdade para filiar uma grande mentira, um verdadeiro engodo, é absolutamente visível aos que fazem questão de continuar enxergando, como é o caso do autor deste livro. O espantelho ardilosamente evocado – a conhecida precariedade técnica da URSS – não anula, por si mesmo, os perigos intrínsecos à manipulação de energia atômica. Um exemplo: será sempre preferível voar em companhias aéreas mais confiáveis, reconhecidamente dedicadas à correta manutenção e segurança de seus aviões e equipamentos, não obstante estas possam sofrer e muitas vezes sofrem acidentes de queda. Logo, um acidente aéreo nunca será somente “um acidente da companhia X, não um acidente aéreo”, pois é as duas coisas, principalmente, um acidente aéreo, uma obviedade. A natureza do acidente se sobrepõe, ontologicamente, aos inúmeros operadores aéreos. Aviões sofrem queda, ponto. A qualidade e o empenho maior de controladores e usuários são o esforço contínuo para evitar a realidade primeira. Ofereço esse exemplo didático para que o leitor tenha um guia para as reflexões de Dupuy, muitas delas carregadas de saberes

matemáticos e filosóficos, os quais escapam, por vezes, a nós leitores não iniciados na matéria, mas que são prementes à realidade tecnológico-científica em que vivemos.

O importante, penso, é jamais perder de vista a ação contínua dos interesses políticos e econômicos que estão sempre por trás das inúmeras narrativas, justificativas e “estudos”. A nucleocracia, que controla as políticas e os estudos relacionados com energia e artefatos atômicos, organiza-se como tecnocracia, em que os mais variados cálculos de custo-benefício – e falamos de cálculos econômicos e políticos – impõem-se sistematicamente sobre a descomunal vulnerabilidade celular diante da radiação em níveis catastróficos. Esses cálculos de custo-benefício estão quase sempre um ou dois passos à frente de considerações éticas minimamente razoáveis sobre os riscos absurdos de uma radioatividade descontrolada sobre o meio social e natural. O medo que isso provoca é absolutamente justificável, uma vez que sua ocorrência, mesmo que improvável em ambientes seguros, seria absolutamente catastrófica. A questão é que a própria segurança pode ser objeto de obsessiva manipulação retórica, como se vê no caso de Chernobyl, e todos sabemos que o ambiente tecnocrata nunca primou, exatamente, como um meio de zelo à verdade. Na maioria das vezes, o que se tem é uma equação perigosa ou mesmo diabólica entre cálculos políticos e econômicos, cujo combustível usual são o prestígio, a vaidade e o orgulho de cientistas, burocratas e políticos em concorrência interna e externa. Conforme questiona nosso autor, “deve a ciência ser uma arma na concorrência feroz que os povos travam em escala planetária?”, seria preciso, primeiramente, desarmar os espíritos, inserindo a ciência, novamente, no seio do que chamamos de “iniciativa cultural”. Só assim, creio, a ciência seria novamente capaz de “voltar-se reflexivamente para si mesma”, restabelecendo-se como elemento organicamente conectado à cultura, como patrimônio comum. Todavia, em minha singela opinião, isso já foi largamente perdido, e o texto de Dupuy assemelha-se, por vezes, a uma voz clamando sozinha no deserto, não obstante, poderosa.

Encerro este introito desajeitado colocando parte da reflexão que faz Jean-Pierre Dupuy, neste livro indispensável, em diálogo com meus próprios

estudos. O termo “apocalipse” aparece seis vezes neste livro, particularmente associado, como não poderia deixar de ser, à noção de apocalipse nuclear, à destruição e deformação definitiva do humano num mundo devastado por catástrofes e/ou guerras atômicas. Dupuy usa o termo apocalipse em sentido popularmente corrente de uma catástrofe ou catástrofes de proporções cósmicas. A mim interessa notar como seu argumento apocalíptico encaminha a apreensão de um *mal* que não é “nem moral, nem natural, mas um mal sistêmico”. Posso garantir ao leitor que se trata de uma apreensão de mal equivalente ao que se fez em boa parte dos apocalipses hebraicos e, sobretudo, no apocalipse cristão, o Apocalipse de João. Cito então uma passagem absolutamente lúcida do ponto de vista apocalíptico:

Se essas catástrofes se apresentam como algo que está além de nós e *que nos recusamos a ver*, não é que elas sejam uma fatalidade; é que uma multidão de decisões de todas as ordens, caracterizadas mais pela miopia do que pela malícia ou pelo egoísmo, compõem-se num todo que as sobrepuja.

Se assim é, por que nos recusamos a ver? Por que essa obstinação com o desconhecimento? Dupuy sabe que não abriremos mão, não tão facilmente, de nossos campos e entes sagrados, cuja atribuição central sempre foi nos exculpar de nossa própria violência, jogando-a para os deuses, para a fatalidade, ou seja, cegando-nos para a nossa responsabilidade. Desejamos morrer na ignorância sobre nós mesmos, o que vale dizer, sobre nossas instituições e ideias, sobretudo as mais *prestigiadas*, palavra que encerra um imenso vazio.

Em 1958, a França perseguia sua bomba, afinal de contas os rivais já a possuíam. O orgulho militar e tecnológico francês exigia a capacidade de produzir seus próprios cogumelos de fogo. Por que não? Uma questão de prestígio, de honra marcial, de estatura nacional. Que estatura teria uma nação “de primeiro time” sem a devida capacitação nuclear?

Finalizo com as palavras inesquecíveis do doutor Victor Frankenstein, nosso Prometeu moderno:

Eu desejava aquilo intensamente, com um ardor que excedia em muito qualquer moderação; mas, agora, que eu finalizara [meu projeto], a beleza desse sonho se esvaneceu, e um horror sufocante, uma repulsa indescritível, encheu meu coração. Tornara-me incapaz de tolerar o aspecto daquilo mesmo que eu criara.

Uma boa e atenta leitura a todos.

São Paulo, agosto de 2020.

estou envergonhado

Ninguém volta incólume de uma viagem a Chernobyl.

Não são os *millisierverts*^[03] acumulados em algumas horas passadas perto do “sarcófago”^[04] que lhe *roem as carnes*. É a emoção. Ah, ela não engolfa você de imediato. Alguns deixam explodir no ônibus que leva a Kiev a crise de soluços que conseguiram conter durante a visita. Não esquecerei a jovem estudante ucraniana encolhida no fundo do veículo: em meio ao choro, ela murmurava palavras que, traduzidas, significavam algo como “tenho vergonha do meu país, tenho vergonha da humanidade”. Para outros, o colapso ou a depressão se manifestam mais tarde, quando já voltaram a uma das cidades do Ocidente que a coragem ou a loucura de centenas de milhares de “liquidadores”^[05] protegeram de uma catástrofe maior. Ao passear pelas paisagens magníficas e contaminadas da Ucrânia ou da Bielorrússia, ficamos duros, insensíveis. Isso porque não vemos nada, o mal é invisível, e por isso parece ainda mais perigoso. A emoção se nutre não daquilo que nos dizem os sentidos, mas daquilo que sabemos, ou daquilo que achamos que sabemos, sobre a tragédia. É a ausência que deve ser representada para que se possa sentir alguma coisa. Nada mais difícil do que imaginar a presença da ausência. Tive essa experiência em dezembro de 2001, durante uma peregrinação ao *Ground Zero*, aquele vazio cercado de gigantes aberto em pleno coração de Manhattan: faltava algo, mas era preciso trazer de volta à consciência as imagens de um passado feliz para

*image
not
available*

*image
not
available*

capítulo 1

de Kiev a Chernobyl

no coração das trevas

This is the way the world ends. [07]

T.S. Eliot

Kiev, quarta-feira, 24 de agosto de 2005, 18h

Nesse fim de tarde de verão, a Avenida Kreshchatyk está cheia de gente. A multidão avança num bom ritmo em direção à Praça da Independência, preenchendo toda a largura da principal artéria de Kiev, que no entanto é mais imponente do que a Champs-Élysées em Paris. Sem conseguir chegar, dizemos conosco que o lugar para onde essa multidão converge deve ser uma ágora imensa, pois o fluxo aparentemente não provoca nem congestão nem refluxo. É nesses lugares cobertos de tendas que, alguns meses antes, em dezembro de 2004, a “revolução laranja” acabou com o regime autoritário de Leonid Kutchma e levou ao poder o popular Viktor Iuchtchenko e sua primeira-ministra, a bela Iulia Timochenko. Independente desde 24 de agosto de 1991, a Ucrânia dá a impressão de celebrar hoje pela primeira vez a liberdade recuperada. O hino nacional é ouvido em algum lugar. Ele diz: “A Ucrânia ainda não está morta.”

Estou em Kiev para participar de uma escola de verão dedicada à análise das consequências da catástrofe nuclear de Chernobyl, às vésperas do vigésimo aniversário desta, ocorrida em 26 de abril de 1986. A iniciativa cabe ao Laboratório de Análise Sociológica e de Antropologia dos Riscos (Lasar) da Universidade de Caen, e mais especialmente a um de seus pesquisadores, o sociólogo Frédérick Lemarchand. O Lasar trabalha há dez anos nos aspectos sociais e antropológicos da catástrofe, e vários de seus

*image
not
available*

*image
not
available*

Porém, os sociólogos do Lasar, porém, Frédérick Lemarchand à frente, trazem outro procedimento. A noção que eles tentam esclarecer não é menos paradoxal do que a de “cultura radiológica prática”, mas, ao contrário desta última, ela não define uma norma que seria preciso impor aos habitantes das zonas contaminadas para permitir que eles vivessem, ou melhor, sobrevivessem; ela analisa uma dinâmica cultural de fato, isto é, a maneira como as pessoas vivem e sentem sua condição de contaminados pela peste na era atômica, como se esforçam espontaneamente para refazer a sociedade, fracassam e mesmo assim insistem, da mesma maneira que os homens se obstinam em viver ao pé de vulcões apesar do risco permanente. Essa noção é a do *desenraizamento in situ*. Ela se aplica a todos aqueles que, desalojados, voltam a morar na zona contaminada, exatamente onde tinham vivido a vida inteira antes da catástrofe.

Para eles, tudo é como antes, porque o mal não é perceptível, mas na verdade nada é como antes.

Frédérick protesta que a comparação com o vulcão, proposta por mim, não funciona, ainda que a cidade de Pripjat, onde habitam os trabalhadores da energia nuclear e suas famílias, e aonde iremos no domingo, distinga-se como uma Pompeia nuclear. O vulcão é parte integrante da natureza, mas a natureza em que nascem, vivem, reproduzem-se e morrem as populações das zonas contaminadas é uma fabricação inédita da espécie humana, um artefato monstruoso. As pessoas moravam perto de vulcões bem antes do ano 79 d.C. Será preciso esperar a segunda metade do século XX para que os homens encontrem céσιο e estrôncio em seus pomares. Frédérick Lemarchand arrisca o conceito de *tecnonatureza*. É verdade que os homens sempre tiveram uma relação técnica com a natureza, como testemunha de maneira vibrante a beleza das paisagens moldadas pelo mundo rural. Mas isso é diferente. Como exatamente? Uma anedota que o filósofo franco-alemão Heinz Wisman me contou me vem à mente. Ele participava de um colóquio que reunia autoridades da Companhia Elétrica da França e seus homólogos do Land de Brandeburgo. A discussão passou a tratar do que é natural e do que não é. A natureza é a fenomenalidade, dizem os brandeburgueses. Queimar lignito é natural, pois o relâmpago faz isso. Os franceses têm dificuldade em esconder o desprezo que sentem por essa

*image
not
available*

em que foram julgados os “responsáveis” pelo acidente mostram seres abatidos, sem a menor dúvida irremediavelmente avassalados pelos acontecimentos que eles mesmos desencadearam. Como Hércules, eles vestiram a túnica de Nesso e não a mantiveram longe do fogo nuclear: eles tragicamente desencadearam uma carnificina. Outras fotos mostram os liquidadores em ação: no telhado do reator, não se pode ficar mais de dois minutos, sob o risco de submeter-se a uma quantidade mortal de radiação; no helicóptero, lançando areia e boro na abertura escancarada da qual sai, invisível, uma radioatividade mortal; manobrando máquinas teleguiadas, cujos circuitos serão fritos pela radiação; e cemitérios de caminhões, de entulho, de canos emaranhados. O caos, o horror. A maior parte dessas fotos nunca circulou. Elas deveriam estar presentes na exposição de Barcelona.

Algumas fotos mostram animais, ou o que resta deles: bezerros mal formados e cadáveres de cachorros ou de potros. É evidente que Kostine encenou ao menos algumas de suas fotos: um animal não vai naturalmente expirar debaixo de uma placa com o sinal universal da radioatividade. Será que ele tinha esse direito? O que ele fez não lança uma suspeita sobre a autenticidade do conjunto de seu trabalho? Galia Ackerman nos explica que ela mantém certa distância não apenas de Kostine, mas também de Svetlana Alexievich, autora de *Vozes de Chernobyl*, livro que traduziu. Os testemunhos que compõem essa obra comoveram o mundo inteiro, mas foram reconstruídos a ponto de tornar-se uma ficção, talvez mais real do que a realidade. Será que a arte serve a verdade quando a recria e a estetiza? Começa um debate em torno disso entre Henri-Pierre Judy e Christophe Bisson, entre o escritor e o pintor, ambos apoiados por uma grande cultura filosófica.

Só participo distraidamente. Entre a emoção e a razão, a tensão ficou forte demais. Deve haver algum meio de reconciliá-las nesse caso.

Kiev, sábado, 27 de agosto

A equipe do Lasar se reúne hoje para fixar os últimos preparativos da temporada de um mês que os estudantes franceses passarão em campo, em

*image
not
available*

intermitente, algumas centenas de trabalhadores nucleares, pois é necessário manter o que resta da usina e preparar o terreno para os trabalhos de construção de um segundo sarcófago que envolverá o primeiro, que, segundo se teme, pode desabar a qualquer momento, sem aviso prévio. As casas de Chernobyl são sedutoras, como que saídas de um conto de fadas, em sonho ficamos querendo habitá-las, ainda mais porque estão vazias, desesperadamente vazias. Vêm-me certas palavras à mente: “os mortos não morrem quando descem à tumba, mas só quando caem no esquecimento”. Não sei mais quem as disse, mas essas palavras vêm me dizer que a catástrofe nuclear foi bem-sucedida naquilo em que o nazismo fracassou. A cidade de Chernobyl abrigava uma importante comunidade judaica que fora exterminada pelas tropas hitleristas. Com a explosão do reator, os vestígios, as lembranças que ela deixou desapareceram definitivamente, dando lugar aos isótopos radioativos, os quais têm a eternidade diante de si. [\[19\]](#)

Após uma parada naquilo que foi a prefeitura, e que hoje é ocupado por um mini museu, tomamos outra vez o ônibus para a usina nuclear. Painéis mostram o vestígio da presença francesa: Framatome, Vivendi e Bouygues. Foi no ano 2000 que o consórcio participou do fechamento definitivo da usina, cujos reatores 1, 2, e 3 continuavam a funcionar sem pestanejar. O ônibus para na entrada do prédio principal, diante de uma estátua de Prometeu roubando o fogo dos deuses. Vemos o sarcófago a distância. Damos alguns passos. É proibido fotografar. O sol está a pino, faz muito calor, sentimos formigamentos que alguns de nós, tenho certeza, atribuem à radioatividade. Subimos de novo no ônibus, passamos pelos três primeiros reatores, e enfim chegamos perto do reator número 4, nosso destino. Vamos poder descer, mas, protegidos pelo vidro, primeiro metralhamos o sarcófago de centenas de fotos digitais. Descemos do ônibus.

A banalidade mecânica dessa descrição não diz absolutamente nada do que vivemos. “O inumano é simplesmente o mecânico”, [\[20\]](#) diz Sartre a respeito de Camus, que escrevia em *O mito de Sísifo*: “Os homens também secretam inumanidade. Em certas horas de lucidez, o aspecto mecânico de seus gestos, sua pantomima privada de sentido estupidifica tudo aquilo que

*image
not
available*

Galia Ackerman resume perfeitamente as coisas ao dizer: “Ao observarmos aquilo que acontece nos territórios contaminados, somos mais tomados pela metafísica do que pela física”.

*image
not
available*

repercutido pela mídia interessada em sensacionalismo. Isso é o que diz a ciência, objetiva e racional.

- 2 As populações em questão foram na verdade muito gravemente afetadas, mas foi porque elas *achavam* terem sido muito gravemente afetadas, ignorantes que permaneceram do ponto 1.

O relatório do Fórum Chernobyl vale-se de grande engenhosidade ao sugerir alguns dos mecanismos que podem explicar 2, ainda que sejam apenas conjecturas. Mecanismos *fisiológicos*: o stress e a angústia podem produzir patologias estranhas, observadas nas zonas contaminadas; mecanismos *psicológicos*: os habitantes atribuem sistematicamente os males que os afligem à radioatividade, e, vivendo-a como uma fatalidade, deixam de se cuidar; igualmente, se a natalidade diminuiu muito em certas regiões, e os abortos aumentaram proporcionalmente, o medo do futuro é o único responsável; ou ainda, por causa dos deslocamentos populacionais, algumas zonas viram a idade média de seus habitantes dar um salto à frente, mas a taxa de mortalidade que por conseguinte aumentou foi imputada ao acidente; quanto ao aumento observado de malformações congênicas, este resulta precisamente de hoje haver maior interesse do que antes em detectá-los; mecanismos *sociais*: a consciência pesada das autoridades locais, junto à avidez ou ao espírito de vingança das pessoas virtualmente afetadas, fez com que o número daqueles que recebem indenização, e que portanto se consideram vítimas da catástrofe, aumentasse continuamente ao longo dos anos.

- 3 O terceiro momento deriva dos dois primeiros: para romper os mecanismos responsáveis pelo distanciamento entre a verdade objetiva 1 e as crenças autorrealizadoras 2, é preciso informar a comunidade, educar de modo a que as pessoas consigam viver com a coisa, acostumem-se com ela, livrem-se de toda aflição – assim como aprendemos a viver no espaço das autoestradas submetendo-nos a algumas regras simples, e, por fim, pouco penosas.

*image
not
available*

no tempo e numa parcela pequena da população terá o mesmo efeito quantitativo da mesma dose global na população inteira numa duração muito longa. [26]

Quando lemos com alguma atenção o relatório do Fórum Chernobyl, descobrimos que as 4 mil mortes anunciadas só foram calculadas por meio do modelo proporcional a partir de uma parte muito pequena da população mundial afetada pelas radiações: apenas 600 mil pessoas, ou cerca de 200 mil liquidadores, 120 mil pessoas evacuadas e 270 mil outras que moravam nas zonas mais contaminadas. Quanto aos milhões de outras pessoas tocadas, a estimativa oficial não diz nada, o que todo mundo entendeu como se significasse que a catástrofe não era responsável por morte nenhuma entre elas. Caso apliquemos também a elas, nem que seja por motivos de coerência interna, o modelo proporcional, descobriremos, como Charpak, que a catástrofe nuclear de Chernobyl terá provocado dezenas de milhares de mortes. É o caso de aplaudir o truque.

Há um segundo truque, porém, mais interessante e sutil, ainda mais revoltante do que o primeiro. Quando as doses radioativas se estendem no tempo e distribuem-se por uma vasta população, é impossível dizer, quanto a uma pessoa determinada qualquer que morra de câncer ou de leucemia, que ela morreu por causa de Chernobyl. Tudo o que se pode dizer é que a probabilidade que ela tinha *a priori* de morrer de câncer ou de leucemia foi ligeiramente aumentada por causa de Chernobyl. As 30 ou 40 mil mortes que terão sido causadas pela catástrofe nuclear não podem portanto ser *nomeadas*. A tese oficial consiste em concluir a partir disso que elas não existem. Não apenas esse é um erro filosófico grave, mas também um crime ético.

O problema filosófico profundo que se esconde por trás do sofisma que denuncio é tratado explicitamente numa das obras mais importantes e mais influentes da filosofia moral do século XX, *Reasons and Persons*, do filósofo britânico Derek Parfit. [27] O livro foi publicado em 1984, dois anos antes da catástrofe. Ele defende as doutrinas consequencialistas em filosofia moral, examina sistematicamente as dificuldades, os paradoxos, e outras aporias com as quais elas se chocam, e propõe soluções de rara

*image
not
available*

Nenhum desses personagens chega aos calcanhares dos tecnocratas onusianos, nem mesmo Ménalque,^[29] na arte de *sutilizar* as vítimas. Afogar 40 mil mortos com a assinatura da catástrofe no meio do oceano das mortes naturais é uma coisa. Procurando bem, podemos sempre achá-los, recuperá-los e identificá-los. Outra coisa, porém, é a invisibilidade dos mortos de Chernobyl: seu desaparecimento é muito mais radical, pois, repito, quanto à imensa maioria das vítimas, não se pode dizer que morram de um câncer causado pela catástrofe. A marca da catástrofe só pode ser dita na linguagem abstrata da matemática: uma probabilidade *a priori* de morrer de câncer teve seu valor ligeiramente aumentado por causa da contaminação radioativa.

Pouco me importa saber se a frase “a nuvem de Chernobyl deteve-se nas fronteiras do Hexágono”^[30] foi pronunciada pelo professor Pellerin, à época diretor do Serviço Central de Proteção contra a Radiação Ionizante, ou por uma âncora de TV, por alguma outra pessoa, ou por ninguém. Aqui estamos no domínio do grotesco e dos tribunais. Por outro lado, falando em nome da ciência, alguns cientistas do Comissariado da Energia Atômica escreveram seriamente o seguinte, sem que ninguém aparentemente se comova: “O acidente de Chernobyl não teve nenhuma consequência estatisticamente observável na saúde em nosso país”.^[31] Para realmente apreender a impostura representada por essa afirmação, basta transpô-la para o domínio do voto. Temos: “No referendo francês sobre o projeto de Constituição europeia, 29 milhões de eleitores não produziram com seu voto nenhuma consequência estatisticamente observável no resultado final”. Verdadeira para cada um dos votos tomados individualmente, essa proposição torna-se absurdamente falsa quando a aplicamos ao nível coletivo.^[32] Seria o caso de dar gargalhadas se o truque não fosse tão revoltante.

Esforço-me para ir além do sentimento de revolta e tento entender como pessoas que julgo inteligentes e honestas conseguem travestir tão gravemente a verdade. Adversários que, sei bem, não hesitam em falar aqui de mentira, ou ainda de “lógica dos interesses”, censurarão minha franqueza. Porém, não é a generosidade que me leva a raciocinar assim. É o

*image
not
available*

tivesse sido mais curto”, é contrária aos fatos: o nariz de Cleópatra tinha o tamanho que tinha, não há nada que se possa fazer. O estudo das contrafactuais é um dos capítulos mais difíceis da metafísica. Os positivistas acham que podem dispensar essa noção, mas não existe pensamento ligado às coisas humanas que possa poupar-se dela.

“A Europa teria podido tornar-se inabitável” se... [39] Em Chernobyl, faltou pouco para que a antecedente que teria tornado a consequente verdadeira se realizasse, e eu, cidadão francês, não poderia hoje estar escrevendo estas linhas. Se a catástrofe se concluísse com uma explosão nuclear, ainda que a explosão que removeu a tampa do reator tenha sido apenas térmica, a cidade de Kiev teria desaparecido do mapa, a Bielorrússia teria se tornado imprópria para a vida para sempre e a Europa, efetivamente inabitável por tempo indeterminado. Para isso teria sido necessário, e talvez suficiente, que uma parte da enorme massa de materiais físséis que a explosão projetou 1 quilômetro acima do teto arrancado da central permanecesse presa nela, queimasse a fina laje de cimento sobre a qual repousava a cuba, o que a teria colocado em contato com a água do subsolo destinada a resfriar o reator: Chernobyl teria se tornado uma bomba atômica.

Faltou pouco: não é por acaso que o jargão nuclear americano, civil e militar, cunhou uma expressão para dizer isso: *near miss*, que tem quase a força de um conceito. Ao menos vinte vezes durante a Guerra Fria teríamos estado a “cinco minutos” da meia-noite, as doze badaladas significando um apocalipse nuclear que teria varrido boa parte da humanidade. A indústria nuclear civil já conheceu até hoje mais de um *near miss*. Seria tedioso produzir a lista. O mais conhecido, além de Chernobyl, é o acidente que afetou a usina de Three Mile Island, em 28 de março de 1979. Faltou pouco para uma Chernobyl antes do tempo, e para que a formação de uma bolha de hidrogênio, acontecimento que não tinha sido previsto em nenhum dos cenários de acidentes imaginados pelas autoridades, se combinasse com uma produção de oxigênio por decomposição da água do reator e produzisse uma explosão que teria rompido a cuba e a proteção e teria projetado na atmosfera todos os produtos da fissão. Uma Chernobyl nos Estados Unidos, o país em que a opinião pública exerce ao máximo aquele despotismo de que falava Tocqueville, teria tido repercussões sociais,

*image
not
available*

o que querem fazer com ela. Os criadores do Projeto Manhattan que entregaram a bomba ao presidente Truman reconheceram, ou ao menos alguns deles reconheceram, depois que ela reduziu a poeira radioativa centenas de milhares de civis, que eles tinham alguma responsabilidade nisso. Alguns até perderam o sono.

Longe de ser neutra, a ciência traz em si uma metafísica. Ela é a realização de um projeto metafísico, ainda mais obscuro à medida que o positivismo espontâneo dos cientistas os leva a crer que se libertaram de toda metafísica. É nesse nível, o dos alicerces metafísicos de um programa científico ou de uma tecnologia de pesquisa, que se apresentam as questões éticas.

Abandonando-se a ética, a discussão se concentra na grande preocupação dos senhores senadores: será que a França não corre o risco de desaparecer da competição econômica internacional se não investir pesadamente na ciência e na técnica? Prefiro reformular a questão assim: deve a ciência ser um arma na concorrência feroz que os povos travam em escala planetária?

A respeito dessa concorrência feroz, naquela manhã mesma ouvi uma história atroz da boca de um jornalista econômico que apoia firmemente a globalização. Ele a compara à seguinte situação: dois homens de repente se encontram diante de um leão esfomeado. Aquele que salva a própria pele não é aquele que corre mais rápido do que o leão, é aquele que corre mais rápido do que... seu companheiro. A história não diz quem ou o que faz o papel de leão. A ideia que eu mesmo tenho da ciência é a de uma aventura coletiva que amamos porque nos faz crescer juntos, não a de um perigo diante do qual fugimos abandonando os outros à própria sorte.

É um segredo de Polichinelo que a razão que dita o futuro da indústria nuclear em nosso país é a preocupação de manter o lugar da França naquilo que o jargão convencional denomina “a divisão internacional do trabalho”, ou, digamos mais simples e claramente, a concorrência feroz travada pelas nações do mundo, muito mais do que qualquer outra consideração. Os poderes públicos retomaram por conta própria o argumento principal apresentado por EDF e pelos industriais para justificar

*image
not
available*

esperança de construir uma democracia técnica que dá espaço à indústria nuclear?

Paris, 10 de novembro de 2005

A ingenuidade diante do mal

L., nucleocrata que conheço, me repete a antiga ladainha: “Chernobyl é um acidente soviético, não um acidente nuclear”. Quando penso nessa frase, ela me faz dar um pulo. Ela esconde um novo erro filosófico importante, talvez o mais grave, e que resume todos os outros.

A energia nuclear pode de certo ser muito segura. Para isso, são necessárias condições técnicas, organizacionais, sociais, culturais e políticas, todas muito específicas. Essas condições sem dúvida são satisfeitas na França do começo do século XXI. É preciso fazer duas grandes perguntas a respeito delas.

Fiz a primeira pergunta ao começar esta reflexão. Será que as condições que tornam a energia nuclear segura são compatíveis com as regras de base que fundamentam uma sociedade democrática, transparente e justa? A julgar pelo passado, é difícil dar uma resposta positiva a essa pergunta. Contento-me em citar um relatório da Comissão Parlamentar de Avaliação das Escolhas Científicas e Tecnológicas redigido por dois deputados franceses^[48] e publicado em 1998:

Aceitem seus defensores ou não, a energia nuclear é percebida pelo público como uma indústria particular, na qual as regras de segurança devem ser aplicadas sem nenhum erro, e na qual a transparência deve ser total. Esse é um fato! [...] Pode-se [...] lamentar que uma certa cultura de autossatisfação e de não transparência venha confortar os argumentos daqueles que decidiram, de uma vez por todas, que tudo era opaco e secreto no setor da indústria nuclear, assim como era para a energia atômica militar. [...] Acabou-se o tempo em que alguns engenheiros podiam decidir sozinhos a política energética do